

---

# Duas novas datações absolutas para a Ponta da Vigia (Torres Vedras)

GERTRUDES ZAMBUJO\*  
SANDRA LOURENÇO\*

**R E S U M O** Apresentam-se os resultados de duas novas datações para o sítio arqueológico da Ponta da Vigia. Conhecida desde meados do século XX, a Ponta da Vigia teve em 1986 uma primeira intervenção arqueológica, que permitiu atribuir a ocupação do local ao Epipaleolítico. Em 1999 a Extensão do IPA de Torres Novas foi informada de que as movimentações das dunas tinham exposto uma estrutura de tipo lareira, que se encontrava em risco de destruição por acção dos agentes erosivos, pelo que foi considerado urgente a realização de uma pequena intervenção de salvamento para registar e recolher os vestígios arqueológicos. O aspecto mais importante da intervenção prendeu-se com a recolha de inúmeros fragmentos de carvões, os quais permitiram obter duas novas datações para a Ponta da Vigia.

**A B S T R A C T** We present the results of two new radiocarbon dates for the archaeological site of Ponta da Vigia. Known since middle XX<sup>th</sup> century, an archaeological excavation took place in 1986, and allowed to characterize the site as Epipaleolithic. In 1999, IPA Services at Torres Novas were informed that dune erosion exposed a fireplace structure, which was in risk of destruction, and needed an urgent rescue excavation to recording archaeological evidence. The most important result of this excavation was the several charcoal samples gathered, which allowed to obtain two new radiocarbon dates for Ponta da Vigia

## 1. Introdução

No início de 1999, a Extensão do IPA de Torres Novas foi informada por Bruno Silva que no sítio arqueológico da Ponta da Vigia (Torres Vedras) tinha ficado exposta, devido aos movimentos das dunas, uma mancha de areias enegrecidas no interior da qual eram visíveis vários fragmentos de carvões, que se encontravam em risco de destruição por acção de agentes erosivos.

O ocorrido foi comunicado à Direcção do IPA, que considerou oportuno, e no âmbito das suas atribuições territoriais, autorizar a Extensão do IPA de Torres Novas a realizar uma pequena

intervenção de emergência no local (a qual viria a ser efectuada em duas fases: Junho de 1999 e Junho de 2000). Esta intervenção tinha como objectivo escavar e levantar a estrutura que se encontrava exposta, assim como proceder à sua implantação topográfica de modo a que fosse possível relacionar este achado, com as estruturas de combustão escavadas em 1986 por João Zilhão (Zilhão et al., 1987) e para as quais se obteve uma datação de  $8730 \pm 110$  BP (Zilhão et al., 1987).

## 2. Localização

A estação da Ponta da Vigia, localiza-se na freguesia de A-dos-Cunhados, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa, correspondendo à Carta Militar de Portugal n.º 361 escala 1:25 000, com as seguintes coordenadas geográficas:  $9^{\circ}21'28''$  e  $39^{\circ}10'02''$ , tendo uma altitude de cerca de 40 metros acima do nível do mar (ver Fig. 1).



Fig. 1 Localização da Ponta da Vigia na Carta Militar de Portugal, n.º 361, esc. 1:25 000.

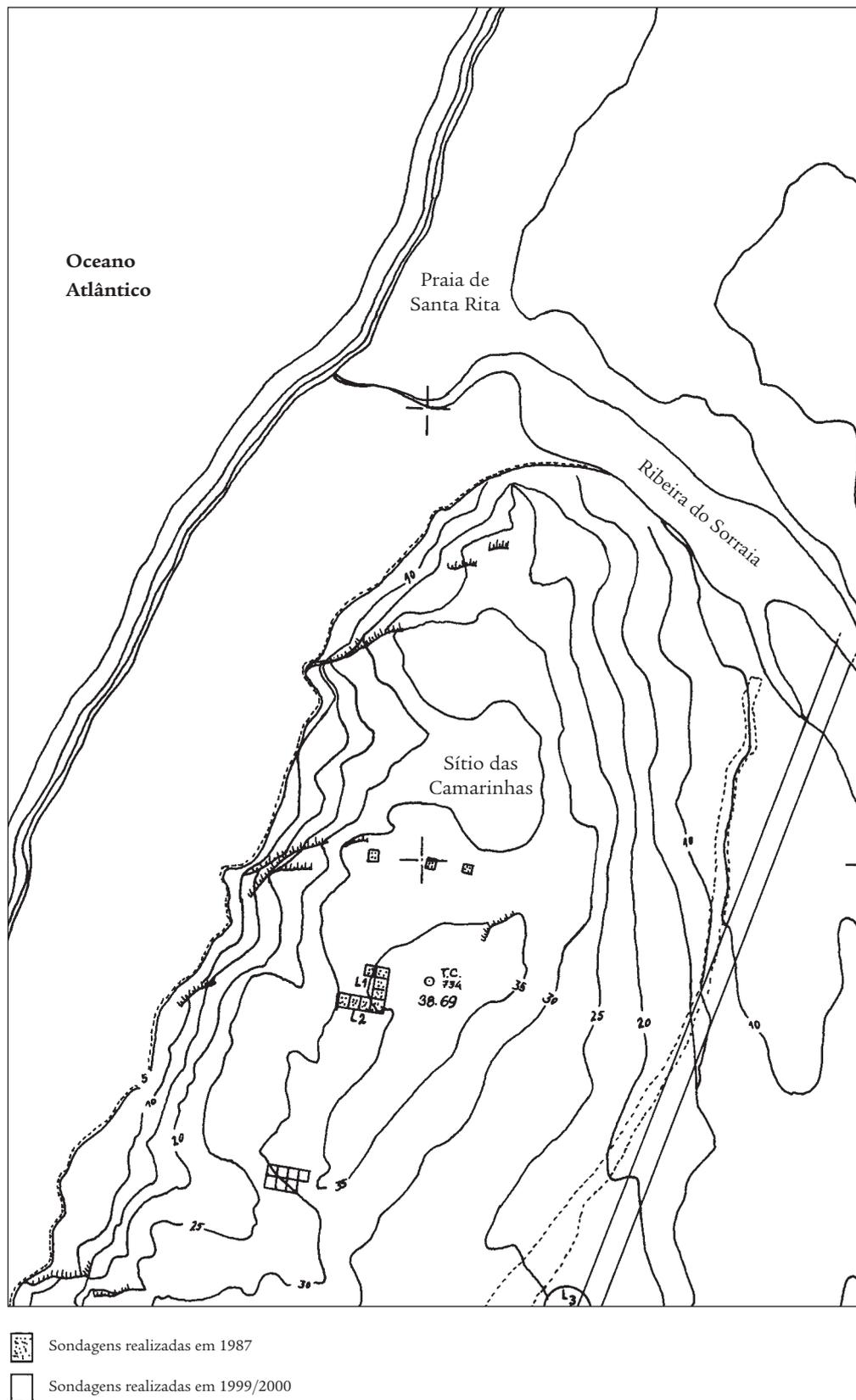


Fig. 2 Implantação das sondagens na carta n.º 44 dos Serviços Geográficos e Cadastrais, Esc. 1:2000 (reduzida a 70%).



A escavação dos sedimentos foi feita por camadas naturais, tendo os mesmos sido escavados a colherim e crivados a seco, com crivo de malha de 2 mm. Os carvões das várias manchas de areias enegrecidas foram recolhidos e guardados individualmente em sacos para posterior datação e identificação de espécies. Para cada estrutura de combustão identificada procedeu-se à realização de um corte transversal, de modo a obter-se o perfil das mesmas.

Relativamente aos escassos materiais líticos, não se procedeu à sua coordenação tridimensional, uma vez que a maioria se encontrava, claramente, em posição secundária.

#### 4. Estratigrafia

A estratigrafia posta a descoberto resume-se a 2 camadas principais.

- Camada 0 – constituída por areias (acumuladas por acção de agentes eólicos) de cor castanho amarelado claro, muito soltas, que cobriam as manchas de areia enegrecida parcialmente (caso da mancha n.º 1) ou totalmente (caso das manchas n.ºs 2 e 3), com uma espessura a variar entre os 5 e os 13 cm;
- Camada 1 – constituída por areias de cor castanho avermelhado, com algumas manchas amareladas e algum areão, apresentando-se mais compacta do que a camada anterior; deverá corresponder à formação dunar antiga identificada por Zilhão (1987), com uma espessura de pelo menos 25 cm.

É no interior desta camada que se encontram as manchas de cinzas e areias cinzento escuras e/ou pretas, que corresponderão a estruturas de combustão idênticas às escavadas nos anos 80, embora, neste caso, as pedras que delimitariam os seus contornos já não existissem aquando dos trabalhos de escavação.

Ainda assim, os limites das áreas de combustão eram facilmente definidos, pois a sua cor enegrecida contrastava de forma evidente com a camada arenosa de cor amarelada que as envolvia, sendo de notar que, apesar de estarem relativamente próximas umas das outras, as manchas enegrecidas não se tocavam fisicamente.

Estas manchas de combustão têm dimensões variáveis, apresentando uma planta circular/oval (ver Fig. 3), de secção oval atingindo uma espessura entre os 10 e os 20 cm (ver Fig. 4). Colocamos a hipótese de o solo ter sido previamente preparado, através da abertura de uma pequena depressão, onde se terá feito posteriormente o fogo.

Foi no interior destas manchas que apareceram as concentrações localizadas de carvões (alguns de dimensões consideráveis e em bom estado de conservação) que, a julgar pela sua deposição davam a ideia de pertencerem a um mesmo tronco/ramo (uma vez que encaixavam uns nos outros).

Das 3 manchas identificadas só a número 1 é que se encontrava exposta, sendo visíveis alguns fragmentos de carvão que estavam rodeados por uma mancha de areias enegrecidas, a qual se estendia até aos quadrados B, C e D. Na zona SO foram encontradas duas pedras (téctites) que poderiam ser o que restava de uma estrutura de tipo lareira (a exemplo do que, se verificou nas escavações dos anos 80) que, por acção dos agentes erosivos, terá sido destruída e os seus elementos constituintes dispersos. Aliás, era ainda visível nas imediações das estruturas de combustão várias pedras soltas que apresentavam claros indícios de terem estado em contacto com o fogo.

Nas imediações destas manchas enegrecidas, foram também detectadas, alguns conglomerados (ligeiramente endurecidos) de areias siliclásticas de cor castanho amarelado escuro resultantes, provavelmente, do processo de combustão (ver Fig. 3).

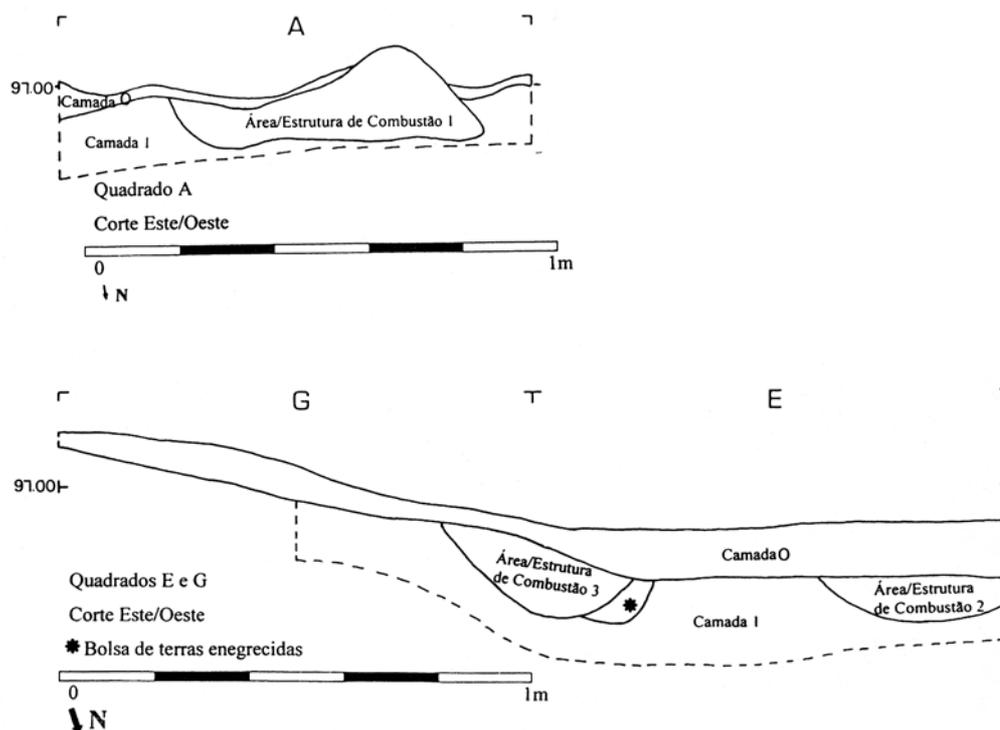


Fig. 4 Representação gráfica dos cortes das 3 estruturas de combustão escavadas.

## 5. Materiais arqueológicos

Para além dos inúmeros fragmentos de carvão, o restante espólio arqueológico recolhido durante a escavação dos 7 m<sup>2</sup> da Ponta da Vigia é constituído por 1 fragmento de cerâmica muito rolada, de cronologia moderna/contemporânea e por 37 peças líticas, aos quais acresce 42 peças líticas recolhidas à superfície na área da intervenção.

No que diz respeito aos materiais líticos recolhidos em escavação, o seu inventário e classificação tipológica é apresentado nos Quadros 1 e 2, sendo de assinalar que o seu reduzido número e o facto de serem praticamente constituídos por resíduos de debitagem, impedem o seu tratamento estatístico, assim como a sua análise detalhada em termos de significado tipológico e tecnológico.

Quadro 1 – Material lítico proveniente das sondagens arqueológicas				
	CAMADA 0			Total
	Sílex	Quartzo	Quartzito	
Lascas Parcialmente Corticais	3	4	1	8
Lascas Não Corticais	1	1		2
Lamela	1			1
Esquírolas	3			3
Fragmentos Inclassificáveis	1		1	2
Utensílios	1			1
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>17*</b>

\* É de assinalar que pelo menos 5 destas peças têm vestígios de contacto com o fogo.

Os materiais líticos distribuem-se uniformemente tanto pela camada 0 (17 peças), como pela camada 1 (14 peças). Poder-se-á acrescentar que a lamela recolhida na camada 0 se encontra inteira, apresentando as seguintes dimensões: comprimento 12 mm; largura 6 mm; espessura 2 mm, e que o único utensílio identificado corresponde a um entalhe sobre fragmento distal de lâmina retocada.

Quadro 2 – Material lítico proveniente das sondagens arqueológicas				
	Sílex	Quartzo	Quartzito	Total
Lascas Parcialmente Corticais	4		1	5
Lascas Não Corticais	2	2		4
Esquírolas	4	2		6
Fragmentos Inclassificáveis	1	1	1	3
Outros	1		1	2
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>20*</b>

\* É de assinalar que pelo menos 15 destas peças têm vestígios de contacto com o fogo.

Do total das peças recolhidas nas duas camadas, pelo menos 20 apresentam indícios de terem estado em contacto com o fogo, havendo mesmo algumas que apareceram no interior e na base da estrutura de combustão n.ºs 1 e 2, e outras nas imediações das 3 manchas enegrecidas (sobretudo nos quadrados A e C).

Na depressão onde se situam as estruturas de combustão eram visíveis, à superfície, materiais líticos, que ficaram expostos pelas constantes movimentações das dunas. Estes materiais foram recolhidos de modo a poderem facilitar a caracterização do sítio do ponto de vista tecnológico e tipológico podendo o seu inventário ser consultado no Quadro 3.

Quadro 3 – Material lítico das recolhas de superfície				
	Sílex	Quartzo	Quartzito	Total
Lasca Cortical	1	1	1	3
Lascas Parcialmente Corticais	5	1	6	12
Lascas Não Corticais	8	2		10
Lâminas	1			1
Esquírolas	2	3		5
Fragmentos Inclassificáveis	4		3	7
Utensílio	3			3
Núcleo	1			1
<b>Total</b>	<b>25</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>42*</b>

\* É de assinalar que pelo menos 14 destas peças têm vestígios de contacto com o fogo.

Dos materiais aqui inventariados foi possível observar que o núcleo sobre lasca, e para extracção de lascas, foi explorado até à exaustão, apresentando-se bastante rolado e patinado. A lâmina recolhida corresponde a um fragmento proximal.

Relativamente aos 3 utensílios, são constituídos por dois entalhes, um sobre lasca simples (que revela indícios de ter estado em contacto com o fogo) e outro sobre lasca retocada (bastante patinada), sendo o terceiro uma raspadeira unguiforme. Todas estas peças são em sílex.

Não obstante o que atrás se referiu relativamente às limitações da amostra em estudo, podemos contudo acrescentar o seguinte:

- os materiais líticos inventariados (quer os recolhidos durante a escavação quer os de superfície) são constituídos essencialmente por restos de debitagem, com um predomínio das lascas, que de resto se reflecte ao nível dos suportes utilizados para a produção de utensílios (3 dos 4 utensílios identificados são sobre lasca e o outro sobre lâmina);
- regista-se a presença de produtos alongados (1 lamela e 1 lâmina);
- as peças líticas recolhidas apresentam de uma forma geral dimensões reduzidas;
- o sílex apresenta-se como a matéria-prima mais utilizada;
- há uma percentagem muito elevada de peças com indícios de terem estado em contacto com o fogo.

Assim sendo, e do que atrás ficou exposto, pensamos que as características evidenciadas por esta pequena amostra são consentâneas com as dos materiais recolhidos por Zilhão (1987) e aos quais foi atribuída uma cronologia do Epipaleolítico.

Podemos ainda adiantar que aquando da nossa primeira visita ao local, em Junho de 1999 tivemos oportunidade de ver alguns materiais líticos que, a fazer fé no que nos foi dito pela pessoa que os recolheu (Sra. Ângela Antunes, moradora na Praia de Santa Rita), são provenientes do mesmo local onde decorreram os trabalhos arqueológicos e podemos observar que, entre as várias lascas, lamelas, lâminas e núcleos se encontrava uma ponta de dorso curvo pedunculada, habitual em contextos do Tardiglacial e do Epipaleolítico.

## 6. Cronologia e conclusões

A partir dos inúmeros fragmentos de carvões recolhidos foi seleccionada de cada estrutura de combustão, uma amostra de carvões para identificação antracológica (Queiroz e Van Leeuwen, 2002) e posterior datação absoluta.

Dos vários fragmentos de carvão analisados, a quase totalidade foi identificado como sendo *Pinus pinaster* (pinheiro bravo), tendo sido enviados para datação fragmentos recolhidos nas estruturas de combustão 2 e 3, por serem aqueles que à partida apresentavam menores riscos de contaminação, e os resultados são os seguintes:

Quadro 4 – Datações absolutas da Ponta da Vigia 1999/2000							
Ref. do Laboratório	Ref. da Amostra	Proveniência	Tipo de Amostra	Anos BP	Data Calibrada	Calibração 1 $\sigma$	Calibração 2 $\sigma$
SAC 1747	Ponta Vigia 1	Estrutura Combustão 2	Carvão ( <i>Pinus pinaster</i> )	8850 $\pm$ 90	7935 cal BC	8010 - 7718 cal BC	8041 - 7588 cal BC
SAC 1741	Ponta Vigia 2	Estrutura Combustão 3	Carvão ( <i>Pinus pinaster</i> )	8670 $\pm$ 80	7612 cal BC	7882 - 7547 cal BC	7932 - 7507 cal BC

Da análise dos resultados apresentados no Quadro 4, constatamos que as datações agora obtidas confirmam a data que tinha sido apresentada nos anos 80 para este sítio ICEN-51 8730 $\pm$ 110 BP (Zilhão, 1987) comprovando a integração da Ponta da Vigia a par de outros sítios conhecidos junto à faixa atlântica, como Toledo e S. Julião (Araújo, 1998, p. 28), durante o Boreal, na fase inicial do Mesolítico, anterior ao estabelecimento das comunidades de caçadores recolectores nos concheiros dos vales do Tejo e do Sado.

Apesar de, e à semelhança do que aconteceu durante as escavações dos anos 80, não terem sido recolhidos quaisquer indícios de fauna ictiológica ou malacológica (que certamente se prende com as condições de forte erosão a que o sítio está exposto), pela sua localização estratégica (a algumas centenas de metros da antiga linha de costa) e pela quantidade de estruturas de combustão já identificadas até ao momento, a Ponta da Vigia terá funcionado como um dos locais onde os grupos de caçadores recolectores do Epipaleolítico se deslocavam para explorar os recursos aquáticos, que certamente teriam já um peso significativo na sua dieta alimentar.

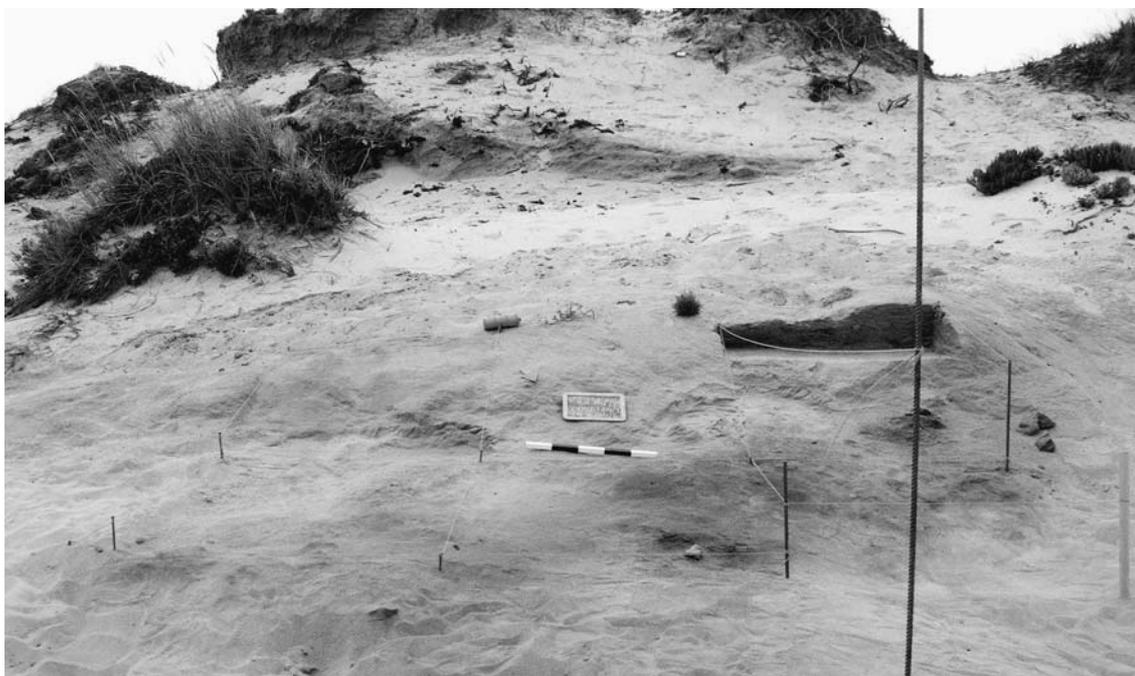


Fig. 5 Vista geral do sítio intervencionado, onde se distinguem as manchas enegrecidas no interior das quais se recolheram os inúmeros fragmentos de carvão.

### **Agradecimentos**

A Bruno Silva e José Pimenta da Associação Leonel Trindade, Grupo de Estudos Arqueológicos e Paleontológicos e de Promoção do Património Cultural e Natural e a Manuela de Deus, arqueóloga da Extensão do IPA de Castro Verde a colaboração nos trabalhos de escavação arqueológica;

A Fernando Gonçalves pelo levantamento topográfico da área escavada;

A Ana Cristina Araújo e António Monge Soares pela colaboração e o apoio concedido na obtenção das datações de radiocarbono;

À Câmara Municipal de Torres Vedras e à Associação Leonel Trindade, Grupo de Estudos Arqueológicos e Paleontológicos e de Promoção do Património Cultural e Natural, pelo apoio logístico concedido.

---

**NOTAS**

\* Arqueóloga da Extensão do IPA de Torres Novas

---

**BIBLIOGRAFIA**

- ARAÚJO, A.C. (1998) - O concheiro de Toledo (Lourinhã) no quadro das adaptações humanas do Pós-Glaciário no litoral da Estremadura. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 19-38.
- ARAÚJO, A.C. (no prelo) - Long-term change in Portuguese early Holocene settlement and subsistence. In *Actas do 6<sup>th</sup> International Conference on the Mesolithic in Europe*, Stockholm, Setembro de 2000.
- ARAÚJO, A.C. (no prelo) - En passant la frontière vers l'Holocène. Continuité ou rupture dans les systèmes d'adaptation des chasseurs-cueilleurs?. In *Actas da Table-ronde Epipaléolithique et Mésolithique*. Tours Outubro 2001. França.
- QUEIROZ, P. F.; VAN LEEUWAARDEN, W. (2002) - Estudo arqueobotânico do Sítio da Ponta da Vigia (Torres Vedras). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 79-81.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, E.; ARAÚJO, A. C. (1987) - A estação epipaleolítica da Ponta da Vigia, Torres Vedras. *Arqueologia*. Porto. 16, p. 8-18.